

Artigo

A genealogia de Michel Foucault, perspectivas pedagógicas

Michel Foucault's Genealogy, pedagogical perspectives

Maria Elisa Bonaudi¹

¹Doutoranda em Filosofia pela Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. Mestre em Filosofia pela Universiteit van Amsterdam. ORCID: 0009-0005-8273-9806. E-mail: m.elisabonaudi@gmail.com.

Submetido em: 02/04/2025, revisado em: 15/04/2026 e aceito para publicação em: 26/04/2026.

RESUMO: O artigo tem como tema o método genealógico de Michel Foucault e suas possíveis contribuições para o campo pedagógico, com ênfase na problemática da constituição histórica da subjetividade. Seu objetivo é analisar os fundamentos da genealogia foucaultiana e investigar em que medida esse método pode ser mobilizado como ferramenta crítica na reflexão educacional. O estudo adota uma abordagem teórico-analítica, baseada na leitura de textos de Foucault, especialmente “Nietzsche, a genealogia, a história”, e em interpretações de Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, além do diálogo com autores italianos vinculados a Riccardo Massa. A partir desse estudo, encontram-se quatro eixos centrais da genealogia: a crítica ao historicismo, a centralidade do corpo, a articulação entre poder e saber e a concepção de história do presente. No campo pedagógico, destaca-se a compreensão da educação como processo de formação de subjetividades, atravessado por relações de poder-saber. Conclui-se que a genealogia pode ser aplicada de modo produtivo à pedagogia, desde que preservada sua natureza crítica. Essa perspectiva permite problematizar os fundamentos da educação e repensar o estatuto epistemológico da pedagogia, enfatizando a formação histórica e contingente dos sujeitos.

Palavras-chave: Michel Foucault; genealogia; pedagogia; Riccardo Massa.

ABSTRACT: The article focuses on the genealogical method of Michel Foucault and its possible contributions to the field of pedagogy, with an emphasis on the problem of the historical constitution of subjectivity. Its objective is to analyze the foundations of Foucauldian genealogy and to investigate to what extent this method can be mobilized as a critical tool in educational reflection. The study adopts a theoretical-analytical approach, based on the reading of Foucault's texts, especially “Nietzsche, Genealogy, History”, as well as on interpretations by Hubert Dreyfus and Paul Rabinow, in addition to engaging with Italian authors associated with Riccardo Massa. From this study, four central axes of genealogy are identified: the critique of historicism, the centrality of the body, the articulation between power and knowledge, and the conception of history as a history of the present. In the pedagogical field, education is understood as a process of subject formation, shaped by power-knowledge relations. The article concludes that genealogy can be productively applied to pedagogy, provided that its critical nature is preserved. This perspective allows for the problematization of the foundations of education and the reconsideration of the epistemological status of pedagogy, emphasizing the historical and contingent formation of subjects.

Keywords: Michel Foucault; genealogy; pedagogy; Riccardo Massa.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pensamento de Michel Foucault atribui centralidade à análise dos processos históricos de constituição da subjetividade, compreendendo o sujeito como resultado de práticas, discursos e relações de poder-saber. Nesse horizonte, o método genealógico configura-se como uma ferramenta crítica voltada à investigação das condições históricas que tornam possíveis determinadas formas de subjetivação. Ao recusar explicações totalizantes e contínuas da história, a genealogia enfatiza a contingência, a descontinuidade e a multiplicidade dos processos históricos, oferecendo um modo singular de problematizar o presente. A relevância deste estudo justifica-se, no plano teórico, pela necessidade de aprofundar a compreensão da genealogia foucaultiana, frequentemente reduzida a uma análise do poder, negligenciando sua dimensão central enquanto investigação da formação histórica dos sujeitos. No plano empírico-conceitual, a justificativa reside na crescente demanda, no campo educacional, por abordagens críticas que permitam problematizar os processos de formação de subjetividades, bem como revisar os

fundamentos epistemológicos da pedagogia. Nesse sentido, a interlocução com autores italianos vinculados a Riccardo Massa evidencia a atualidade e a fecundidade dessa perspectiva.

O problema que orienta este artigo consiste em examinar se, e em que medida, o método genealógico pode ser mobilizado como ferramenta crítica em campos distintos daquele em que foi originalmente desenvolvido, especialmente no âmbito das práticas e teorias pedagógicas. Trata-se, assim, de investigar as condições e os limites dessa transposição, de modo a evitar reduções simplificadoras do pensamento foucaultiano ou sua aplicação descontextualizada.

Diante disso, o objetivo do estudo é analisar os fundamentos da genealogia foucaultiana e explorar suas potencialidades de aplicação no campo educacional, com ênfase na compreensão da educação como processo de formação de subjetividades e na problematização do estatuto epistemológico da pedagogia.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo teórico-analítico, fundamentado em pesquisa bibliográfica. O corpus é composto por textos de Foucault, com destaque para “Nietzsche, a genealogia, a história”, e

por interpretações de autores como Hubert Dreyfus e Paul Rabinow. A análise é conduzida por meio de leitura interpretativa e comparativa, buscando identificar os eixos fundamentais da genealogia e articulá-los com produções do campo pedagógico, especialmente aquelas desenvolvidas no contexto italiano. Tal procedimento permite reconstruir conceitualmente o método genealógico e avaliar suas possibilidades de deslocamento e reapropriação.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresenta-se o método genealógico de Foucault, destacando seus principais eixos analíticos; na segunda, desenvolve-se uma reflexão sobre as possibilidades de articulação entre genealogia e pedagogia, a partir do diálogo com autores vinculados a Riccardo Massa; por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se sintetizam os principais resultados e implicações do estudo.

2 O MÉTODO GENEALÓGICO DE FOUCAULT

Nesta primeira seção, o objetivo é oferecer uma introdução à genealogia de Foucault. Para isso, apoio-me na leitura desenvolvida por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow em seu livro *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Dreyfus e Rabinow analisam minuciosamente a genealogia foucaultiana e oferecem, por meio dessa análise, importantes contribuições para a compreensão do pensamento de Foucault. Para situar cronologicamente a genealogia, os autores indicam *Vigiar e Punir*, publicado em 1975, como a primeira obra de Foucault a seguir esse método. Além disso, é possível estabelecer uma relação entre o desenvolvimento desse novo método por Foucault e as agitações políticas de 1968. A partir desse momento, os interesses do filósofo tomam uma nova direção e o problema do poder passa a desempenhar um papel central na filosofia foucaultiana. A escolha do termo genealogia indica o desejo de resgatar alguns elementos do pensamento de Nietzsche, que exercem grande influência sobre as reflexões de Foucault. O filósofo francês realiza uma revisão pessoal e original do legado nietzschiano e amplia a genealogia até transformá-la em um método rigorosamente elaborado.

Quatro pontos fundamentais, a meu ver, emergem da leitura que Dreyfus e Rabinow fazem da genealogia foucaultiana:

- a) Em primeiro lugar, eles mostram que esse método (também chamado por Foucault de “história efetiva”, *wirkliche Historie*) é um tipo de análise histórica que se coloca em clara oposição ao método histórico tradicional. Se pensarmos o método histórico tradicional como a construção de uma narrativa totalizante do passado, que aspira à objetividade e busca explicar os acontecimentos históricos por meio de relações de causa e efeito, então a genealogia está muito distante disso. Fundamentalmente, a “história efetiva” se recusa a localizar os acontecimentos em uma linha contínua e coerente. Em vez disso, são

ênfaticamente a singularidade dos eventos e a descontinuidade dos processos históricos, em sua ausência de leis e regras. Desse modo, o mito do progresso é definitivamente colocado fora de cena. Esse mito implica a ideia de que existem essências e identidades fixas na história que progressivamente se revelam em um processo constante de aperfeiçoamento. Foucault, ao contrário, procura revelar que essas identidades não passam de fabricações. Como ele próprio explica, “[as coisas] não têm essência ou [...] sua essência foi fabricada de modo fragmentário a partir de formas alheias” (1977, p. 142). A história não é o desdobramento da razão, mas o “jogo incessantemente repetido das dominações” (1977, p. 150). Por essa razão, a busca por uma origem pura e primordial não faz sentido para o genealogista. Ao analisar os diferentes termos utilizados por Nietzsche para se referir à ideia de “origem”, Foucault sugere que a busca pelas origens (*Ursprung*) deve ser substituída pela investigação da proveniência (*Herkunft*) ou da emergência (*Entstehung*). Essa abordagem distinta permite conceber não um único início singular que deva ser descoberto, mas múltiplos e inumeráveis começos. A noção de proveniência ajusta-se melhor à visão dinâmica da história que Foucault propõe, na qual as regras da história são “formas e condições de uma produção ilimitada de diferenças” (Catucci, 2000). A negação das origens baseia-se na ideia de que aquilo que poderíamos conceber como uma origem é, em si mesmo, fruto de um processo histórico. Desse modo, a história efetiva destaca como as vontades, e seus embates, vêm dirigindo e moldando os acontecimentos. Isso não deve ser entendido como a afirmação de que existem sujeitos ou grupos específicos que movem a história, estabelecendo uma mera oposição entre dominadores e dominados. O genealogista, de fato, “estuda a emergência de uma batalha que define e desobstrui um espaço” (Dreyfus, Rabinow, 1982, p. 109). Com isso, Foucault refere-se ao resultado de todo um aparato, de um sistema complexo de práticas sociais e culturais. Essas práticas operam em um espaço que é, simultaneamente, a condição de possibilidade da emergência das subjetividades históricas. Por fim, ao contrário do historiador tradicional, que se concentra em grandes momentos históricos, o genealogista acredita que os elementos despercebidos de diferentes épocas podem possuir um grande potencial revelador. Esses aspectos negligenciados não são profundos nem ocultos, mas situam-se na superfície das práticas culturais e históricas.

A genealogia, portanto, volta-se para todos os aspectos da realidade, inclusive aqueles frequentemente compreendidos como “naturais”, a fim de mostrar como eles fazem parte, integralmente, de um movimento histórico. Essa última ideia conduz ao segundo aspecto fundamental da genealogia.

- b) Trata-se da compreensão inovadora do corpo que a genealogia torna possível. O corpo é o exemplo mais significativo de algo comumente tomado como ahistórico e natural. Em oposição a essa concepção, a história efetiva indica, como explica Foucault, que “o corpo também está diretamente envolvido em um campo político; as relações de poder [...] o investem, o marcam, o adestram, o torturam, o forçam a realizar tarefas, a executar cerimônias, a emitir signos” (Foucault, 1995, p. 25). Dreyfus e Rabinow ressaltam a centralidade das reflexões sobre o corpo na filosofia de Foucault. Essa consideração é, de fato, crucial para o desenvolvimento de uma investigação inovadora sobre as relações de poder. É possível compreender as relações de poder se as expusermos como operando de modo direto sobre os corpos na sociedade contemporânea. Para apreender como funciona a ação do poder sobre os corpos, é necessário analisar certas instituições nas quais esses efeitos são mais visíveis do que em outros contextos. Assim, Foucault utiliza a expressão “tecnologias políticas do corpo” (Foucault, 1995, p. 26) para explicar como o poder opera, ou o “modo como o poder se localiza” (Dreyfus; Rabinow, 1982, p. 114). Essas tecnologias estão relacionadas ao Estado e às instituições, que as colocam em prática. Por essa razão, Foucault concentra sua atenção principalmente nas transformações dessas tecnologias, traçando sua genealogia ao longo da história, sendo o estudo das instituições essencial para esse propósito. As tecnologias políticas do corpo podem, assim, ser compreendidas como práticas, mecanismos e procedimentos que atuam sobre os corpos com o objetivo de regulá-los e estruturá-los. Essa regulação conduz a determinados resultados que possuem significado político.

Isso nos conduz ao terceiro aspecto que caracteriza a genealogia foucaultiana, segundo Dreyfus e Rabinow.

- c) Trata-se de um engajamento crítico com as ciências humanas e com o saber em geral. Como argumentam os intérpretes, essa é uma das afirmações mais radicais do pensamento de Foucault, pois mina a solidez de teorias, ou escolas de pensamento, como o marxismo, bem como de campos inteiros das ciências humanas e sociais, como a

criminologia ou a psiquiatria. Por meio da genealogia, torna-se possível compreender que não há conhecimento dissociado das relações de poder, especialmente no que diz respeito às ciências humanas, em razão de suas origens no contexto e no funcionamento de instituições e práticas específicas de poder. O que distingue a genealogia dessas ciências humanas problemáticas é a diferente perspectiva de observação. A genealogia investiga as práticas sociais a partir de dentro. Foucault está ciente de que o investigador é sempre e já um produto, profundamente imbricado com os objetos de seu estudo. Como observam Dreyfus e Rabinow, “a genealogia aceita o fato de que não somos nada além de nossa história e, portanto, jamais obteremos um quadro total e distanciado, seja de quem somos, seja de nossa história” (1982, p. 122).

- d) Em quarto lugar, a genealogia pode ser descrita como uma história do presente. Isso certamente não significa que Foucault projete anacronicamente questões do presente sobre o passado. Ao contrário, significa que o filósofo mantém uma preocupação e um compromisso com os aspectos mais críticos de seu tempo presente. Estes devem ser diagnosticados, e a genealogia opera como uma ferramenta poderosa para fazê-lo e, ao mesmo tempo, responde à questão de como chegamos a este ponto. Nessa busca por compreender as práticas perigosas do presente, o filósofo procura retrazar seu desenvolvimento descontínuo, a fim de esclarecer as formas pelas quais elas se entrelaçam com o poder.

Como consideração final e para esclarecer ainda mais os quatro pontos mencionados acima, vale recordar que o principal objetivo do projeto de Foucault é criar uma genealogia do sujeito moderno. Dreyfus e Rabinow designam com precisão a obra de Foucault como uma “analítica interpretativa” (Dreyfus; Rabinow, 1982, p. 122). Em outras palavras, o filósofo francês interessa-se por analisar “aquelas práticas culturais nas quais poder e saber se cruzam, e nas quais nossa compreensão atual do indivíduo, da sociedade e das próprias ciências humanas é fabricada” (Dreyfus; Rabinow, 1982, p. 120). O foco central nos sujeitos modernos e em sua formação e transformações é crucial para tornar possível a compreensão de que não existem identidades fixas ou essenciais. Algumas das características da genealogia analisadas anteriormente poderiam sugerir que os sujeitos são completamente submetidos ao poder-saber, o que constituiria uma perspectiva sem saída. No entanto, por meio da genealogia, enquanto método de revelação da contingência da história, é possível pensar os sujeitos não como uma estrutura fixa, não como uma premissa, mas sempre como um resultado. As subjetividades são, de fato, resultados das relações de poder-saber, mas essas relações são complexas, não unidirecionais nem infalíveis. O exercício do poder cria fraturas, e nós o experimentamos

como incoerente e contraditório. Nessas fraturas e dobras do poder, as subjetividades encontram um espaço para a resistência como autocriação. Deleuze explica com precisão esse conceito:

E o que podemos, em última instância, dizer sobre nossos próprios modos contemporâneos e sobre nossa relação moderna consigo mesmos? Quais são nossas quatro dobras? Se é verdade que o poder informa cada vez mais nossa vida cotidiana, nossa interioridade e nossa individualidade; se ele se tornou individualizante; se é verdade que o próprio saber tornou-se progressivamente individuado, constituindo a hermenêutica e a codificação do sujeito desejante, o que resta então para nossa subjetividade? Nunca “resta” nada do sujeito, uma vez que ele deve ser criado a cada ocasião, como um ponto focal de resistência, com base nas dobras que subjetivam o saber e curvam cada poder. (Deleuze, 1988, p. 105).

3 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Nesta seção, reflito sobre a genealogia de Foucault e as possibilidades que ela abre para pensar outros campos de estudo que não foram explicitamente tematizados pelo próprio Foucault. Para desenvolver essa reflexão, apresento algumas ideias elaboradas por um grupo de estudiosos italianos no contexto da pesquisa no campo da educação. A abordagem desses autores permite sugerir uma resposta às questões inicialmente colocadas da seguinte maneira: a genealogia pode ser tomada como um convite para pensar criticamente outros domínios. Essa apropriação deve, contudo, basear-se em uma compreensão profunda do projeto genealógico, que não o reduza meramente a mais uma teoria do poder. Ao contrário, ao concentrar-se nesse método como uma genealogia do sujeito moderno, torna-se possível utilizá-lo como uma ferramenta poderosa para engajar-se em um debate crítico com outras práticas e teorias problemáticas do mundo moderno. O grupo de estudiosos italianos mencionado tem como figura central o filósofo da educação e pedagogo Riccardo Massa. A contribuição desse intelectual, que desenvolveu sua pesquisa e sua atividade docente a partir da década de 1980 na Universidade de Milão, foi fundamental, pois constituiu uma reelaboração pessoal e criativa do pensamento de Foucault com o objetivo de oferecer pontos de reflexão relevantes no contexto educacional. Nesse livro, o autor propõe pensar a educação a partir do conceito foucaultiano de *dispositivo*. Massa afirma de maneira provocativa que a educação é um dispositivo. O autor refere-se a *Vigiar e Punir*, de Foucault, obra na qual o filósofo descreve três tipos principais de dispositivo: a tortura, na qual o corpo do condenado é um instrumento para a afirmação do poder do soberano; a semio-técnica, que atua sobre as representações mentais e tem como objetivo sua transformação; e, por fim, a disciplina, principal prática do sistema carcerário.

A educação enquanto dispositivo pode, então, ser compreendida como um sistema complexo e incorpóreo de procedimentos (Rezzara, 2004). Em outras palavras, trata-se de algo que não pode ser visto, mas cujos efeitos podem

ser percebidos, uma “materialidade incorpórea” (Rezzara, 2004). Assim, Massa pretende sugerir uma ideia de educação como um sistema que é ao mesmo tempo prático e discursivo, operando como uma tecnologia em quatro níveis principais da experiência: o tempo, o espaço, o corpo e a dimensão simbólica. Para oferecer uma ideia mais clara da perspectiva de Massa, se pode apresentar aqui um exemplo de sua reflexão sobre a educação como um dispositivo que opera sobre os corpos. O pedagogo argumenta que é de fundamental importância tematizar o corpo, pois sempre que alguém realiza um ato educativo, ele ocorre necessariamente com e por meio dos corpos, no encontro com outros corpos, os dos estudantes. Torna-se, portanto, necessário compreender como a educação opera sobre os corpos, transformando-os, estruturando-os e assim por diante. A intenção de Massa é trazer à luz os processos de sujeição (*assujettissement*) e de subjetivação (*subjectivation*) que estão em funcionamento no processo educativo. A coexistência desses dois momentos revela que, juntamente com um mecanismo que molda as subjetividades, há sempre uma resistência por parte dos próprios corpos, que se contrapõe a qualquer tentativa de discipliná-los.

No entanto, nesta seção não pretendo concentrar-me apenas em Riccardo Massa. Um artigo intitulado “*Il Senso Pedagogico della Soggettivazione*”, escrito por um aluno de Massa, Francesco Cappa (2013), procura, em diálogo com outros estudiosos, levar adiante as ideias de seu mestre. O primeiro aspecto essencial a ser observado é que Cappa, em sua reflexão sobre Foucault e a pedagogia, opta por concentrar-se no termo “formação” (*formazione*). Esse termo representa uma terceira opção acrescentada à dicotomia tradicional entre educação e instrução. A ideia de formação, segundo o autor, permite pensar uma multiplicidade de significados distintos, inclusive para além da instituição escolar, e, ao mesmo tempo, possibilita apreender seu núcleo, “a dimensão vital e existencial do processo educativo” (Cappa, 2016, p. 41). A formação, portanto, incorpora tanto os aspectos típicos da instrução quanto os da educação. Trata-se, respectivamente, do processo de aquisição de noções e daquele de conformação de personalidades e comportamentos a partir de um modelo. Além disso, existe ainda uma outra compreensão da formação como um processo estreitamente ligado às necessidades, inclusive econômicas, da sociedade na qual ela se insere.

Torna-se assim possível compreender como a ideia de formação constitui, para Cappa, uma chave de acesso para estabelecer uma relação entre a filosofia de Foucault e a pedagogia. Uma premissa fundamental dessa abordagem é que a formação é um problema central da investigação foucaultiana. A atenção dedicada à formação das subjetividades, e às maneiras pelas quais ela ocorre, pode ser encontrada desde as primeiras obras do filósofo, como *História da Loucura*, passando pelos trabalhos genealógicos, como *Vigiar e Punir*, até a última fase ética de seu pensamento. Isso constitui, ao mesmo tempo, uma vantagem para o estabelecimento de um diálogo entre o pensamento do filósofo francês e as preocupações da pedagogia, e uma dificuldade, em razão da forma dispersa e disseminada com que o problema da formação das subjetividades é articulado na obra de Foucault.

O artigo aqui examinado inicia-se com um alerta. O autor pretende chamar a atenção do leitor para um risco presente na leitura de Foucault e, sobretudo, nas tentativas de reelaborar suas ideias em outro campo de investigação. Esse risco diz respeito à absolutização do pensamento do filósofo e à recepção do que ele escreveu como uma teoria fixa e definitiva do poder, da disciplina, das instituições ou de qualquer outro aspecto. Em vez disso, Cappa sugere uma leitura de Foucault que reconheça que “a verdade está sempre ainda por ser feita” e que todos nós somos corresponsáveis por sua produção (Cappa, 2013, p. 32). Em outras palavras, ele pretende utilizar o pensamento do filósofo francês como uma ferramenta crítica de análise do campo que lhe interessa, a saber, a formação. O núcleo dessa abordagem reside na tentativa de problematizar o estatuto epistêmico da pedagogia a partir de uma perspectiva foucaultiana. Assim, o autor assume dois aspectos interligados da genealogia de Foucault: a crítica às ciências humanas e a coexistência e interdependência entre poder e saber nas práticas sociais. A proposta consiste em olhar para a formação de maneira distinta daquela adotada pela maioria das teorias da educação até o momento. A diferença reside na atenção conferida a ambas as dimensões, a discursiva e a prática, no interior da pedagogia. Por meio desse exame cuidadoso, crítico e problematizador, emerge a ideia de que o poder-saber não é apenas parte das práticas formativas, mas uma dimensão fundamental delas. Reconhecer isso não implica adotar uma atitude fatalista segundo a qual toda prática de formação estaria condenada a reproduzir relações de poder-saber. Ao contrário, é necessário reconhecer e diagnosticar como o poder opera na educação para poder agir estrategicamente e propor outras perspectivas educativas possíveis.

Cappa afirma que é importante problematizar a educação porque suas práticas formativas são o resultado de dispositivos, os quais se tornam cada vez mais difíceis de reconhecer. Cappa reflete então sobre a razão da ausência da temática da formação em um sentido mais estritamente pedagógico. Ele levanta a hipótese de que, à luz de todos os pontos de contato analisados até aqui, Foucault não sentiu a necessidade de tematizar explicitamente esse problema. O vínculo entre o quadro geral do pensamento foucaultiano e os problemas da formação pedagógica é tão evidente que Foucault dispensa qualquer explicação adicional.

Para concluir esta seção, como mais uma demonstração de como a genealogia pode ser uma fonte fecunda de reflexões no campo pedagógico, gostaria de indicar como tanto Foucault quanto a escola de Massa se posicionam de maneira fortemente crítica em relação às ideias e teorias humanistas. Mais uma vez, a perspectiva de observação adotada é a da subjetividade. O humanismo é recusado enquanto parte de um horizonte metafísico no qual os valores possuem um caráter absoluto, construído a partir de um ideal predeterminado do ser humano. Seguindo essa concepção, grande parte das teorias pedagógicas buscou definir as tarefas, os métodos e as doutrinas da formação com base em um ideal de humanidade. O grupo de Massa

se põe a essa tendência, afirmando o perigo de um modelo humano a partir do qual se estabelecem tipos e perfis mais ou menos desviantes em relação a ele. A pedagogia, ao contrário, não deveria tentar designar o que é o humano, mas concentrar-se nas condições que tornam possível a emergência daquilo que consideramos humano. Desse modo, os estudiosos ligados a Massa adotam uma concepção de subjetividade que foi, por sua vez, assumida por Foucault a partir da filosofia de Nietzsche. Trata-se da crise da subjetividade em sentido tradicional. O sujeito, na genealogia foucaultiana, é compreendido como algo único e irreduzível, resultado de conflitos e de percursos descontínuos: “A história torna-se “efetiva” na medida em que introduz a descontinuidade em nosso próprio ser, ao dividir nossas emoções, dramatizar nossos instintos, multiplicar nosso corpo e colocá-lo contra si mesmo” (Foucault, 1977, p. 154). Tanto Foucault quanto os pedagogistas da escola de Massa acreditam que o sujeito surge ao final das práticas sociais, culturais e formativas. As subjetividades são o resultado, geralmente inesperado, imprevisível e não planejado, dessas práticas, e não a realização de um ideal previamente determinado.

1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, meu objetivo foi concentrar-me em um aspecto central da genealogia de Foucault e de seu pensamento em geral. Trata-se da grande atenção dedicada ao problema da subjetividade, ou à hermenêutica do sujeito moderno. Por meio dessa análise, tornou-se claro como a investigação foucaultiana sobre o poder, as instituições e o Estado tem como propósito “não descobrir o que somos, mas recusar o que somos. É preciso imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos desse tipo de ‘duplo vínculo’ político, que consiste na individualização e na totalização simultâneas da estrutura moderna do poder” (Foucault, 1982, p. 216).

Partindo dessa reflexão, considerei se e de que modo seria possível ampliar o alcance da genealogia, aplicando a temas que não foram diretamente abordados por Foucault. Um grupo de estudiosos no campo da pedagogia, aos quais me refiro como os alunos de Riccardo Massa, ofereceu uma prova concreta de que essa ampliação é de fato possível, embora não sem certa cautela. Entendo que essa empreitada se diferencia de muitas outras tentativas¹ da “tradução” do pensamento de Foucault em termos pedagógicos. De fato, os alunos de Massa não se limitaram a substituir reflexões sobre a instituição prisional por reflexões sobre a instituição educativa, estabelecendo comparações evidentes. Em vez disso, propuseram-se a colocar em questão toda a estrutura tradicional da pedagogia à luz da genealogia foucaultiana. Somente a partir desse questionamento da pedagogia tradicional e humanista foi possível pensar de maneira aprofundada o conceito de formação e, conseqüentemente, a materialidade da educação enquanto prática de formação das subjetividades. É nesse ponto que os dois projetos, o de Foucault e o de Massa, se encontram, e é nesse núcleo de convergência que reside a força da interpretação proposta

¹ Veja-se por exemplo: Stephen J. Ball, *Foucault and Education*, Routledge, 1990.

pelos alunos de Massa. Ao buscar pensar o problema da educação como um sistema complexo de práticas e teorias voltadas à formação dos sujeitos, os alunos de Massa encontram um ponto de partida sólido para sua reflexão naquilo que o próprio Foucault afirma ser o problema central de sua filosofia: a genealogia do sujeito moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPPA, F. Il senso pedagogico della soggettivazione. *Nóema*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 32-43, 2013.

CAPPA, F. La formazione tra antichi dispositivi e nuovi paradigmi. *Nóema*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 41-50, 2016.

CATUCCI, S. **Introduzione a Foucault**. Roma: Laterza, 2000.

DELEUZE, G. **Foucault**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

FOUCAULT, M. **Discipline and punish: the birth of the prison**. New York: Vintage Books, 1995.

FOUCAULT, M. Nietzsche, genealogy, history. In: BOUCHARD, D. F. (ed.). **Language, counter-memory, practice: selected essays and interviews**. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 139-165.

FOUCAULT, M. Why study power: the question of the subject. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics**. Chicago: University of Chicago Press, 1982. p. 208-226.

MASSA, R. **Le tecniche e i corpi: verso una scienza dell'educazione**. Milano: Unicopli, 1983.

REZZARA, A. **Dalla scienza pedagogica alla clinica della formazione: sul pensiero e l'opera di Riccardo Massa**. Milano: FrancoAngeli, 2004.